

Hermeto Paschoal é um dos destaques do Rio Montreaux

PÁGINA 8



Angra dos Reis respira teatro com o Fita

PÁGINA 12



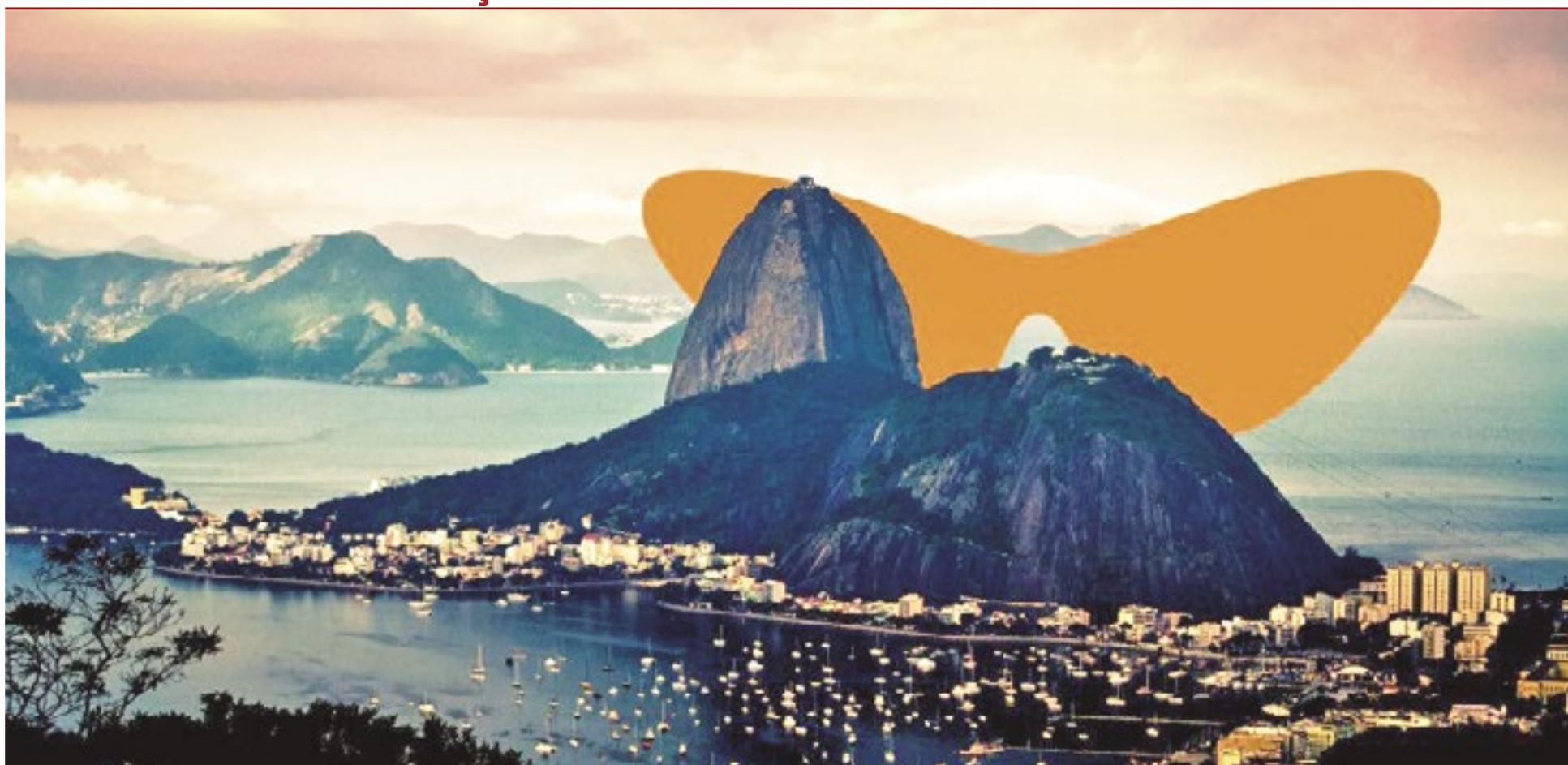
Sesc Ramos recebe exposição fotográfica

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

# A folia cinéfila vai até domingo

Vitrine do cinema nacional e internacional no Brasil, o Festival do Rio chega a seus últimos dias. A maratona cinéfila ainda reserva excelentes opções para o público cinéfilo e o Correio da Manhã lista dicas imperdíveis para este fim de semana, incluindo 'A Paixão Segundo GH', leitura do inventivo Luis Fernando Carvalho sobre o clássico de Clarice Lispector, mostra um bate-papo com o astro italiano Franco Nero, o eterno Django, e ainda apresenta a crítica de 'Meu Nome É Gal', que desponta como uma das melhores produções nacionais de 2023.

Páginas 2, 3, 4, 6 e 7

Divulgação



Os Delinquentes

Divulgação



Monster

Divulgação



Mussum



# Três dias de folia cinéfila

Dicas dos filmes que desta sexta a domingo vão transformar as telas da maratona carioca num carnaval de opções na telona

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**E**nquanto o circuito comercial de todo o país estiver batendo cabeça para “O Exorcista – O Devoto”, lançado esta semana com a promessa de lotar salas, fazendo do assombro um ímã de bilheterias, as telas que compõe o Festival do Rio, na reta final do evento, prometem fazer um carnaval cinéfilo desta sexta-feira (13) até domingo. Estarão a serviço da maratona audiovisual carioca: Odeon; Kinoplex São Luiz 1, 2 3 4; Estação Botafogo 1; Reserva Cultural 1; Estação NET Rio (de 2 a 5); Caixa Cultural; e as cinco salas do Estação NET Gávea. Confira a seguir as atrações imperdíveis dos três dias de folia cinematográfica que estão por vir.

“O SABOR DA VIDA” (“La Passion De Dodin Buffant”), de **Tran Anh Hùng (França)**: Foi merecidíssimo o prêmio de Melhor Direção dado por Cannes ao realizador vietnamita responsável pelo aclamado “O Cheiro da Papia Verde” (1993). Um diretor que estava há uns sete anos sumido do cinema. Ele regressa reunindo um ex-casal que se amou muito fora das telas – Juliette Binoche e Benoît Magimel – para encarnar um quase casal que se adora apaixonadamente na telona, mas que não se casa para não se dobrar aos ditames morais da França do século XIX. Dodin (Magimel,



Meu Pequeno Maad

sublime) é um gourmet com alta respeitabilidade na rica burguesia francesa, sendo bem tratado até por nobres, em função dos banquetes que oferece. É Eugenie (Juliette) quem cozinha os quitutes. Mas quando ela fica doente, ele resolve cozinhar para sua amada. É um tratado comovente sobre o benquerer. Local e data: sexta-feira, dia 13, às 16h, no Estação NET Botafogo.

**TUDO OU NADA (“Rien à Perdre”, de Delphine Deloget (França)**: Elogiada na mostra Un

Certain Regard de Cannes, a trama elege como protagonista Sylvie (Virginie Efira), que vive em Brest, na França, com os seus dois filhos, Sofiane e Jean-Jacques. Eles são uma família unida e feliz. Uma noite, o caçula Sofiane se machuca sozinho no apartamento, enquanto a mãe está no trabalho. O incidente é relatado e o menino é colocado em um orfanato. Munida de um advogado, o apoio dos irmãos e o amor de seus filhos, Sylvie confia que conseguirá vencer o sistema burocrático e legal. Local e data: sexta, 13, às 14h15, no Estação NET Rio 4.

Divulgação



Aretha no Everest

**MEU PEQUENO MAAD (“My Sunny Maad”)**, de **Michael Pavlátová (República Tcheca)**: Longa de animação da realizadora do aclamado curta “Repete” (Urso de Ouro em 1995). Cabul é a arena do filme, traduzido como “Ma Famille Afghane” no exterior. A trama é baseada no livro “Freshta”, um romance da jornalista Petra Procházková. O roteiro acompanha a imersão de Herra, uma jovem tcheca, no Afeganistão após seu casamento com Nazir, um sujeito apaixonado por ela, mas devoto às tradições de seu país. Após o casamento, Herra

vai morar com a família dele, assumindo a burca sobre suas madeixas louras, submetendo-se a regras que, pouco a pouco, vão minando sua felicidade e sua aposta na harmonia da vida a dois. As tentativas frustradas de Herra em engravidar dão ainda mais peso naquele relacionamento, pautado por códigos de opressão. Local e data: sábado, 14, às 21h45, no Estação NET Rio.

**MONSTER (“Kaibutsu”)**, de **Hirokazu Koreeda (Japão)**: Exercício autoral mais inusitado do ganhador da Palma de Ouro

Divulgação

**Somos Guardiões****Tudo ou Nada**

de 2018 (“Assunto de Família”). Na trama desta produção laureada com o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, uma jovem mãe sente que há algo errado quando seu filho começa a se comportar de maneira estranha. Ao descobrir que um professor é o responsável, ela vai até a escola exigindo saber o que está acontecendo. Enquanto o caso se desenrola pelos olhos da mãe, do educador e da criança, a verdade começa a surgir, revelando questões do menino com seu desejo. Local e data: sábado, dia 14, às 16h30, no NET Gávea 5.

**ARETHA NO EVEREST, de Roberta Estrela D’Alva e Tatiana Lohmann:** O Everest é a montanha mais alta do mundo e atrai centenas de montanhistas, a maioria homens brancos com condição de bancar a empreitada, na casa dos R\$ 400 mil. Aretha Duarte, moradora de um bairro pobre de Campinas, torna-se em 2021 a primeira negra latina a chegar ao cume. Pra custear a viagem ela trabalha catando recicláveis e dispara um processo de conscientização ambiental em seu bairro que se expande pelas redes e faz dela uma figura pública

Divulgação

**O Sabor da Vida**

Divulgação

**Roberto Farias, Memórias de um Cineasta**

Divulgação

Divulgação

**Um Amor**

que inspira pela obstinação e força. Seu sonho é que mais pessoas de origem semelhante à dela possam atingir seus cumes. Local e data: Sábado, 14, Estação NET Rio 2, 17h.

**OS DELINQUENTES (“Los Delinquentes”), de Rodrigo Moreno (Argentina):** Aula de roteiro De nuestros hermanos numa narrativa de três horas de absoluta precisão, onde nenhum segundo se perde ou se dilata. Há bom humor, lirismo e cenas de sexo cálidas, mas sem objetificações. Daniel Elías tem atuação prodigiosa no papel

de um banqueiro que resolve passar três anos preso, por um roubo que cometeu em sua agência, por acreditar que aquele tempo compensaria os 20 penosos anos que ainda teria pela frente como bancário. Um amigo loser vai ajuda-lo nesse período, cuidando de uma mala de dinheiro roubado. Mas, uma mulher vai se impor no caminho deles. Local e data: domingo, às 20h15, no Estação NET Gávea 1.

**SOMOS GUARDIÕES, de Edivan Guajajara, Chelsea Greene e Rob Grobman:** Um estudo sobre o guardião da floresta indígena Marçal Guajajara e a ativista Puyr Tembê enquanto eles lutam para proteger seus territórios do desmatamento, bem como um madeireiro ilegal que não tem escolha a não ser derrubar a floresta e um grande proprietário de terras à mercê de invasores e da indústria extrativa. O filme une política, história, economia, ciência e consciência, fornecendo uma visão aprofundada desta situação complexa e crítica — cujas origens e impacto se espalham muito além dos limites da própria Amazônia. Local e data: sexta, dia 13, às 13h30, no Kinoplex São Luiz 4

**ROBERTO FARIAS, MEMÓRIAS DE UM CINEASTA, de Marise Farias:** Curso de História do Brasil em forma de carta de amor, este tributo da filha do diretor de “Assalto ao Trem Pagador” (1962) ao pai é apoiado num processo de montagem fino. Um oceano de depoimentos bons recheiam o resgate dos feitos estéticos e políticos de um diretor que brigou para defender a produção nacional, sem arredar pé da direção, no flerte contínuo com as narrativas de gênero. Local e data: sexta, 13, às 17h, no Estação NET Rio 2

**UM AMOR, de Isabel Coixet (Espanha):** Quinze anos depois de sua obra-prima (“Fatal”, que também estreou no Festival do Rio), a cineasta catalã regressa ao universo dos quereres mais incontroláveis propondo uma adaptação do best-seller homônimo de Sara Mesa. Seu olhar se detém sobre uma ex-bailarina e tradutora (Laia Costa)

que se apaixonou por um exótico aldeão (Hovik Keuchkerian) ao se mudar para o campo. Hovik ganhou o prêmio de Melhor Atuação Coadjuvante em San Sebastián. Local e data: Sábado, 14, às 18h30, no Estação Net Rio 4

**MUSSUM, O FILMIS, de Silvio Guindane:** Eis a maior aposta de fartas bilheterias para o Brasil deste ano. Ganhou sete Kikitos em Gramado, inclusive o de Melhor Filme. Há quem diga que o autor de campeões de bilheteria Paulo Cursino fez aqui seu melhor roteiro. Cursino bate bola fina com o produtor mineiro André Carreira, que, numa conversa com um dos filhos do eterno trapalhão, idealizou um projeto estimado em R\$ 11 milhões para converter em ficção os feitos de Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994). Inclua aí sua luta contra a pobreza; a paixão pela Mangueira; o sucesso com os Originais do Samba; e o fenômeno na TV com Didi, Dedé e Zacarias. Ailton Graça vive Mussum na idade adulta. Local e data: sábado, 14, no Reserva Cultural 1, às 20h45.

**PERFECT DAYS, de Wim Wenders (Japão):** Em Cannes, o artesão germânico foi ovacionado por essa produção nipônica. Laureado com a Palma de Ouro de 1984 pelo cultuado “Paris, Texas”, o cineasta alemão de 77 anos não alcançava tanta notoriedade com uma ficção desde “O Hotel de Um Milhão de Dólares” (Prêmio do Júri na Berlinale em 2000), dedicando-se mais a documentários, como “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (codirigido por Juliano Salgado, de 2014). Ao filmar em solo japonês, na terra de seu ídolo (o diretor Yasujiro Ozu), ele arranha o status de obra-prima à força de uma poética investigação sobre as belezas simples da vida, narradas a partir do cotidiano de um limpador de latrinas (papel que deu a Koji Yakusho o prêmio de Melhor Ator na Croisette) apaixonado por rock, em fitas K-7. Cannes deu à ela ainda a laurea do Júri Ecumênico. Local e Data: domingo, 15, às 17h, no Estação NET Gávea 5

ENTREVISTA / FRANCO NERO, ATOR E CINEASTA

# 'Enquanto estiver me divertindo, sigo filmando'



Divulgação

Protetor 3", em Los Angeles, que ia me render uma grana, e a chance de contracenar com Denzel Washington, para encarar esse projeto na Itália. Não é dinheiro que me move. Nunca foi. Enquanto estiver me divertindo, sigo filmando.

**De que maneira "Django" marcou a sua carreira?**

Quando lancei o livro com minhas memórias, dei ao texto o nome de "Django e Gli Altri" (em português, "Django e Os Outros") porque, apesar de esse personagem ter me dado fama, eu fiz dezenas de outros. Foram 240 filmes dos anos 1960 até hoje. Sergio Corbucci, seu diretor, era um homem muito bem-humorado. Ele dizia: "John Ford tem John Wayne; Sergio Leone tem Clint Eastwood; eu tenho Franco Nero". Aquele filme foi rodado sem dinheiro nenhum. Nós rodamos o início uma semana antes do Natal de 1965, quando o roteiro ainda não estava pleno. É um milagre ter dado certo como deu. Eu fui chamado para filmar "Camelot" na época em que Corbucci desejava fazer um outro western, "O Vingador Silencioso", que não pude rodar. Ele fez esse faroeste com Jean-Louis Trintignant e Klaus Kinski. Mas ficou bravo comigo.

**Mas o sucesso daquele pistoleiro engessou a sua persona de alguma forma?**

É como ocorreu com Sean Connery, que ficou marado pelo 007 por muito tempo. Mas como eu disse "Não!" para muitos convites, movido pelo prazer de filmar e não pelo cachê, eu pude circular pelos mais variados gêneros. Fiz filmes na Inglaterra, Alemanha, Itália, Croácia e até no Brasil, onde fui dirigido por Lúcia Murat (em "A Memória Que Me Contam"). Outro dia, fui chamado para uma participação no projeto novo de Julian Schnabel (indicado ao Oscar por "O Escafandro e a Borboleta"). Era pequeno o papel, mas ele fez uma promessa de que quando fizer a cinebiografia de Luis Buñuel, vai me levar para o papel principal. É assim que eu vou seguindo.

"Anos Felizes" ("Giorni Felice"), de Simone Petraglia.

Em sua trama, uma atriz de sucesso internacional, Margherita (vivida por Anna Galiena) é atingida por problemas físicos e diagnosticada com esclerose lateral amiotrófica. Seu ex-companheiro, Antonio (vivido por Nero), decide ajudá-la. Mas os dois, separados há muitos anos, reconstruem a sua relação por meio da peleja diária contra o sofrimento. No papo a seguir, o astro nascido em Parma conta ao Correio da Manhã como conduz sua carreira.

**Celebrizado como ator e ainda na ativa, o senhor entrou em "Dias Felizes" depois de ter dirigido um longa, "The Man Who**

**Disse não para muitos convites, movido pelo prazer de filmar e não pelo cachê... Pude circular pelos mais variados gêneros"**

Franco Nero

**Drew God". De que forma a direção talhou seu olhar para os sets?**

**Franco Nero:** Fiz há algumas décadas um longa chamado "Forever Blues" para realizar meu desejo antigo de dirigir, que vem desde a tenra juventude. Antes, eu considerava atuar e rodar o filme ao mesmo tempo, mas agora eu passei a separar as funções. Se assumir a direção, eu não atuo. Fui chamado para atuar com muitos dos grandes diretores da Europa. Filmei com Elio Petri, Damiano Damiani, Claude

Chabrol, Rainer Werner Fassbinder, ao mesmo tempo em que fazia policiais e western.

**De que maneira "Dias Felizes", de Simone Petraglia, entrou nesse seu rol de escolhas?**

Recebi o roteiro e fiquei muito impressionado por ser um romance entre duas pessoas grisalhas. Só me lembro de ver algo desse tipo em "Amor", de Michael Haneke. Eu já fiz muito filme de baixo orçamento. Recusei um papel em "O



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**D**jango roga a Deus e manda bala: Franco Nero, o astro do aclamado faroeste de Sergio Corbucci de 1966, está no Brasil para curtir o Festival do Rio. Saído de uma experiência recente como diretor, chamada "The Man Who Drew God", na qual peitou a patrulha da correção política ao escalar Kevin Spacey, o ator italiano de 81 anos veio promover o drama



EDITAL  
DE CULTURA

SESC<sup>RJ</sup>  
PULSAR

2023 / 24

EDITAL  
PALAVRA  
LÍQUIDA

Para conferir o Edital e seus anexos, acesse o site do Sesc RJ: [sescrj.org.br](http://sescrj.org.br).

O projeto **Palavra Líquida** é uma iniciativa multilinguagem do Sesc RJ, cuja construção parte da linguagem de literatura, em diálogo e elaboração conjunta com as artes cênicas, artes visuais, audiovisual e música.

A proposta é formar uma plateia cada vez mais plural e concatenada às questões que tangenciam o contemporâneo, comprometendo-se sempre com o estímulo aos processos artísticos em desenvolvimento, com a formação de público e com a inclusão social.

### CATEGORIAS

- Espetáculos circenses
- Espetáculos de dança
- Espetáculos teatrais
- Exposições de artes visuais
- Realizações literárias
- Apresentações musicais
- Intervenções artísticas
- Produção audiovisual

### INSCRIÇÕES

**ABERTAS ATÉ  
17/11/2023, ÀS 17H**  
[editaldecultura.sescrj.org.br](http://editaldecultura.sescrj.org.br)

Projetos de todo o Brasil  
podem concorrer.



# Lavoura Lispector

Duas décadas depois de alumbrar o cinema brasileiro com 'Lavoura Arcaica', Luiz Fernando Carvalho promete encantar o Odeon com 'A Paixão Segundo GH'



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**inda deslumbrada pela passagem de "Mussum, O Filmmis" pelo Odeon, na noite de ontem, a Première Brasil pode despertar de todas as suas potenciais letargias esta noite, com a estreia mundial de "A Paixão Segundo GH", o novo longa-metragem de Luiz Fernan-

do Carvalho. É a volta do mais ousado diretor de TV do Brasil ao cinema, 22 anos depois de "Lavoura Arcaica" (2001).

Numa atuação radicalíssima, porém afetiva, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema nacional com seu talento e carisma numa atuação em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata



No set de filmagens, Luiz Fernando Carvalho dirige Maria Fernanda Cândido em 'A Paixão Segundo GH'

morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana. A pedido do Correio da Manhã, Luiz Fernando escreveu um pequeno ensaio sobre sua relação com Clarice:

"Por que filmar GH? Talvez a maturidade esteja exigindo falar menos de mim e mais do outro. A igualdade reivindica suas diferenças mais subjetivas. Só essa será uma entrega real ao outro, avistando aquele que é diametralmente oposto a você, seja em gê-

nero, classe social, raça, religião, espécie e por aí vai... Para que eu filme uma mulher não é apenas preciso, como dizem por aí, acessar meu lado feminino. É preciso muito mais. É preciso me oferecer ao impossível de realizá-lo. A consciência da impossibilidade na mediação com o feminino me arrasta até o centro de G.H., ou de Clarice – como preferirem. G.H. é o feminino em sua potência máxima, libertadora. Diria mesmo revolucionária. Ela nos

ensina que há um limite, sim. Mas é necessário ir além do cosmo-política do homem ocidental.

O aqui e agora. O ser é um desaparecimento. G.H., ao decidir arrumar sua própria casa começando pelo quarto da empregada, termina por desarrumar-se. Trata-se de uma personagem que irá se desconstruir diante dela mesma e de todos nós. G.H. intui que há um espelho diante do mundo que é de uma superfície refletora, que não absorve, que não se organiza dentro da nossa subjetividade. É necessário que as coisas sejam lançadas à sua origem obscura, lugar onde exterioridade e interioridade ainda não se distinguiram. Em contraposição a Aristóteles, que diz que 'tudo o que é tende a permanecer', Clarice nos sopra que 'tudo o que é tende a desaparecer'. A narrativa do filme nos conta a morte da mediação com o mundo. Desse desaparecimento do narrador surge o ato imediato. Ou seja, uma imanência tão radical como a paixão. Não há transcendência. Transcendência é adiamento. A transcendência é eliminada para que se fique dentro daquilo que é, dentro da experiência da paixão".

Tem mais uma sessão de "A Paixão Segundo GH" no domingo, 15, às 19h, no Kinoplex São Luiz 2.

# Para sempre Helena

Diva do cinema de invenção estrela o ousado 'Helena de Guaratiba', um olhar poético sobre o etarismo

Diretora e atriz, diva do Cinema de Invenção e realizadora de exercícios autorais sobre a arte da representação, Helena Ignez vai encantar o Estação NET Botafogo 1 na noite desta sexta-feira (13) como estrela e força motriz de um dos experimentos poéticos mais esperados do Festi-

val do Rio: "Helena de Guaratiba".

A direção é de Karen Black, uma das curadoras da Première Brasil. Cult desde seu desempenho em "O Bandido da Luz Vermelha" (1968), rodado por seu companheiro de vida e de filmes Rogério Sganzerla (1946-2004), Ignez filmou com Karen nas águas



Helena Ignez e Cauã Reymond em 'Helena de Guaratiba'

da Praia de Grumari e nas profundezas de Guaratiba, levando consigo o mito de Helena de Troia.

Deslocando-o no tempo e no espaço, numa reflexão sobre etarismo,

a realizadora de "Delete Delete" (2014) e de "Acossada" (uma produção de 2006, rodado em duo com Karen Akerman) explora o signo da mulher que deflagra

uma guerra. Cauã Reymond, Wilson Rabelo e Djin Sganzerla (filha de Helena e também cineasta) integram o elenco dessa produção.

Na trama, Ignez interpreta Helena, uma senhora de 80 anos que leva uma vida pacata num bairro de pescadores na Zona Oeste. Um dia, para escândalo da comunidade, um homem de 40 anos se apaixona por ela, e o casal terá que enfrentar o etarismo e o machismo da sociedade para viver o seu amor.

"O filme é uma nítida homenagem à figura de Helena, que segue criando com firme compromisso com a liberdade, com a emancipação feminina", diz Karen ao Correio.

Tem mais uma sessão do filme domingo, às 21h30, no Estação NET Rio 2. (R. F.)

CRÍTICA / CINEMA / MEU NOME É GAL

# A biografia de um Brasil em guerra



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**S**essão alguma do Festival do Rio 2023 foi mais celebrativa do que a projeção de “Meu Nome É Gal”, num inchado Odeon, no último dia 7, que serviu como parto simbólico para o nascimento de um biopic dionisíaco, avesso às fórmulas laudatórias do filão.

Tanto é que uma estrofe belicosa do repertório das composições de alerta do Brasil dos anos de chumbo é a metonímia mais do que perfeita para a epistemologia proposta por suas diretoras, Dandara Ferreira e Lô Politi, ao encarar um duplo discurso do método.

O método de um filão de gênero – o drama biográfico – e o método da História, sob o viés das ciências políticas. A tal estrofe: “Atenção ao dobrar uma esquina

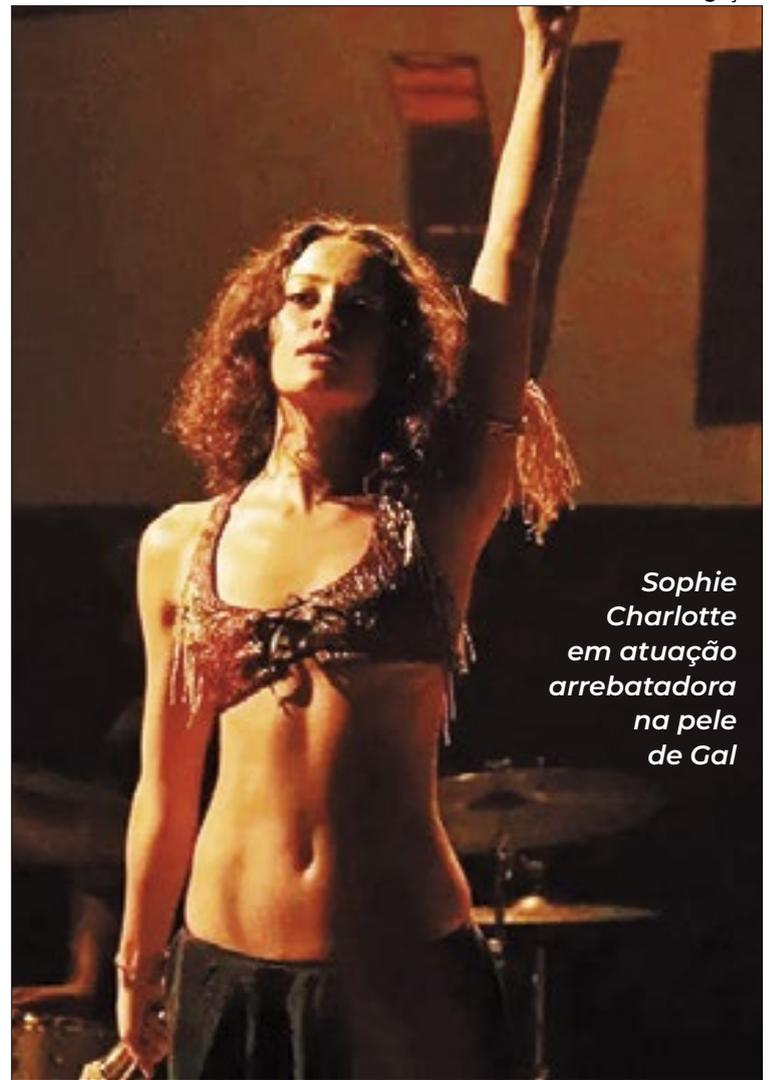
/ Uma alegria, atenção menina / Você vem, quantos anos você tem? / Atenção, precisa ter olhos firmes / Pra este sol, para esta escuridão”.

Em sua revoada de Ícaro, no sonho firmar uma carreira sob os solares holofotes de uma MPB do tempo dos festivais da canção, Gal Costa mira o lado estelar de sua paixão, a música, mas é dragada para uma zona penumbrosa, de cor plúmbea, da mordada que o Golpe de 64 e o AI-5 institucionalizaram no país. Nesse esparo de tensão, o filme, delimitado de 1966 a 1971, opera não com um viés de micareta, para celebrar um mito, mas, sim, num procedimento quase psicanalítico (bastante ousado) de enxergar a pessoa que reside na grife de estrela. “Bohemian Rhapsody”, o estonteante fenômeno de bilheteria com Rami Malek (que custou US\$ 52 milhões e faturou US\$ 910 milhões), foi por aí também, e brilhou... e ficou. Pode se repetir o mesmo com “Meu Nome É Gal”, cuja montagem domina o fluxo do passado com destreza.

Este é “O” ano do biopic, jargão industrial audiovisual para “épico

biográfico”. É o ano do monumento “Oppenheimer, que custou US\$ 100 milhões e arrecadou US\$ 939 milhões, além da fama de ser um dos maiores filmes do milênio. Christopher Nolan contou a jornada de luta contra o Mal (o mal interno e o mal capitalista) do físico J. Robert Oppenheimer, que inventou a bomba atômica, rastreando suas inquietudes e incertezas, sem se preocupar em edificar uma linha heroica em sua trajetória. O mesmo se passa com a Gal de Lô e Dandara, defendida a lanças de São Jorge por uma Sophie Charlotte pombajítrica que traz num olho o dragão da maldade e, no outro, o santo guerreiro. Não que as diretoras suponham (ou defendam), de modo redutor, que Gal vivesse em guerra. Quem estava em guerra no tempo redescoberto pelo filme é o Brasil. É sobre essa instituição, um país, que o filme fala. Um país que submeteu mulheres a opressões simbólicas e físicas. A voz de Gal entra em cena como um brado de ruptura, que ecoa com mais força ao esbarrar nos paredões no governo fardado pós-1964.

Divulgação



*Sophie Charlotte em atuação arrebatadora na pele de Gal*

O furacão Charlotte puxa em sua ventania uma direção nada formalista de Dandara e de Lô, que desenha seu mapa das instabilidades afetivas do Brasil sob a fotografia mais madura que Pedro Sotero (de “Aquarius”) já fez, num trabalho

de luz que vem em maturação plena depois de “Vermelho Sol”. Dos satélites que cruzam o caminho de Gal, a presença atômica de George Sauma como Wally Salomão é uma explosão nuclear de carisma que merecia um filme à parte.

CRÍTICA / FILME / PERÉIO, EU TE ODEIO



*Peréio foi personagem marcante do nosso cinema*

## Velho na ribalta

Alguns filmes caíram, e muito, no gosto da crítica (como “O Dia Que Te Conheci”, de André Novais Oliveira) e do público, o que é o caso de “Peréio, Eu Te Odeio”. O documentário cheio de galhofa sobre as excentricidades do gaúcho Paulo César de Campos Velho, o Peréio, incendiou o Festival do Rio de irreverência e marcou a volta às telas

do quadrinista Allan Sieber.

Famoso por sua voz aveludada e por um aposto bastante sugestivo - “o homem que foi expulso de uma suruba por mau comportamento”, o ator de “Eu Te Amo” (1981) e muitos outros sucessos deu trabalho para muita, mas muuuuita gente.

Numa direção feita em dupla com Tasso Dourado, num

processo que levou 23 anos, o documentário de Sieber reúne episódios folclóricos sobre as vezes em que Peréio irritou o mundo.

“A figura extrema dele me atrai”, diz Sieber. “Sempre me atrai uma pessoa extremamente escrota, extremamente culta, extremamente porca, extremamente desagradável”. (R.F.)

## Paulo-Roberto Andel

### Figueiredo Magalhães, 1989

A praia está vazia e silenciosa, algo incomum para a madrugada do fim de semana. Geralmente vem o pessoal de outros bairros e, claro, os turistas. Não tem mais ninguém na rede de vôlei. Futevôlei. No campo de areia, nem pensar. Estranho.

Na esquina de Figueiredo com Domingos Ferreira tem sempre uma galera dormindo na rua. São uns dez. Não mexem com morador, mas se sacarem outra procedência vai dar zebra. Na quadra seguinte, do outro lado da rua, tem as duas drogarias e, numa delas, o leiteiro tem o Pepe Corta-Zeros. Um pequeno símbolo da rua. No prédio da esquina moram Marcelo e Hermínio. Talvez no quarto andar. Bem, não é uma esquina qualquer, mas a mais barulhenta do mundo. Até entrou no Guinness.

Se você atravessar a Avenida Copacabana e utilizar a primeira entrada, perto da mitológica Galeria Ritz, cujo terreno já abrigou a fantástica faqueresa Suzy King - que o poeta e cineasta Luiz Carlos Lacerda, menor de idade, espiava pela fresta da porta -, vai adentrar as Lojas Americanas, paraíso das crianças com suas bolas e brinquedos. A loja tem formato de L e você pode sair pela Figueiredo Magalhães, onde não encontrará mais vestígios da lanchonete de rua - que vendia cachorro quente e refresco de côco no copo de cone -, apenas a sorveteria Akay do outro lado da rua, bem em frente, que tem um misto quente imperdível: pão crocante, queijo derretendo e fatias finas de bom presunto.

Cine Condor, dentro da galeria. Minha amiga Katia morava ali. São mais de 800 lugares no ótimo cinema refrigerado. Tenho visto muitos filmes, exceto "Psicose" - dormi e depois explico o motivo.

Ainda poderia voltar à esquina anterior, a mais barulhenta do planeta, bem na diagonal do prédio do Hermínio. Casa Nelson, roupas finas para senhores exigentes - especialmente para quem não quer sair do armário, se é me entendem.

Figueiredo e Barata Ribeiro é Varese, loja esportiva. Lindos e caros botões, tênis fascinantes, artigos de primeira. A vitrine é uma beleza. E é também Sumol, lanchonete querida do bairro que aguenta o tranco até três da manhã. Salada de frango, belo bife de hamburger da casa, grandes sucos e a maravilhosa fatia de pizza muçarela, verdadeira salvação depois dos jogos noturnos no Maracanã. Ai, Jesus!

Ainda o futebol. Passando pelo Sumol (alguns chamam por a Sumol), tem a Kayat Esportes, outra loja de artigos esportivos que faz a festa da garotada: vende escudos bordados, números de camisa que se prende com ferro de passar e bolas, bolas, maravilhosas bolas de futebol.

Na esquina da Edmundo Lins incrivelmente não tem ninguém. É um dos alvoroços de Copacabana por causa da turma que ali convive, pessoal da praia, das lutas e da noite. Uns trinta garotos ou mais. Eles são a GEL e a sigla é óbvia: Galera da Edmundo Lins.

Esquina de Figueiredo com Tonelero, resta o único estabelecimento aberto da quadra, o velho botequim pé-sujo sem leiteiro, onde os últimos boêmios tomam goles de cerveja e cachaça, afogando mágoas e melancolias. Mas não por muito tempo: uma das portas já foi baixada e em pouco tempo só restará um único bem, raro em Copacabana e na rua Figueiredo Magalhães mesmo de madrugada - o silêncio.

# Rio Montreaux na reta final

Divulgação

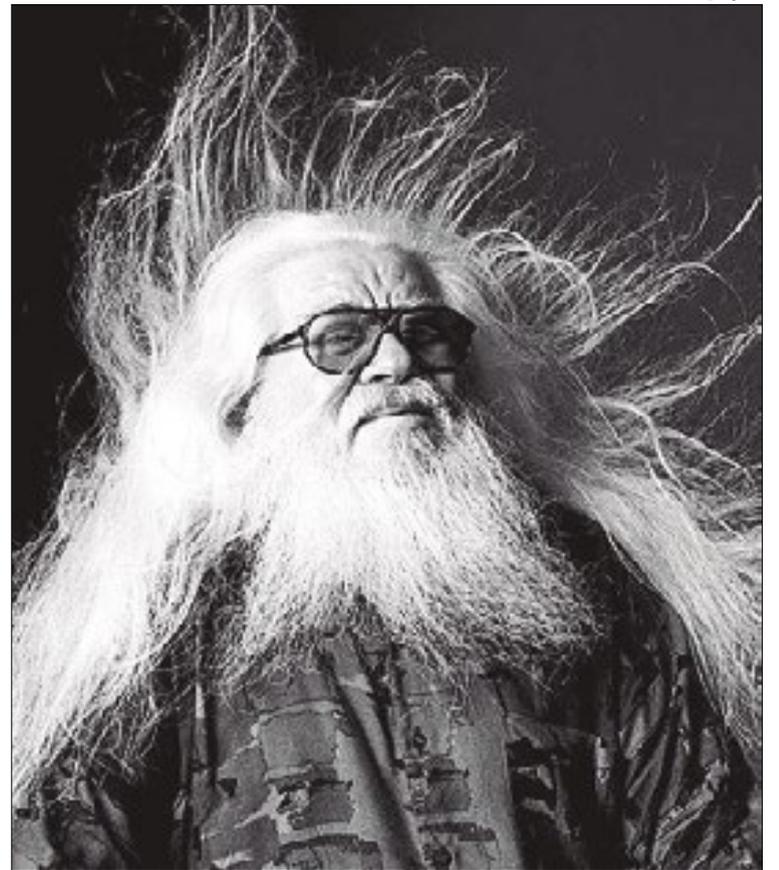
Festival tem shows de Hermeto Paschoal, Elba Ramalho, Chico César, Billy Cobham e Emicida

**A** terceira edição do Rio Montreaux Festival chega ao fim nesta sexta e sábado (13 e 14) com grandes atrações no palco principal do Morro da Urca. Na sexta, Hermeto Paschoal leva a banda Nave Mãe ao festival. E o último show da noite é uma grande festa ao Nordeste com Elba Ramalho e Chico César recebendo a SpokFrevo Orquestra.

A última noite do festival receberá um ícone do jazz, o baterista Billy Cobham apresentando um show dedicado a toda sua discografia de mais de 40 anos.

Fechando o Palco Villa-Lobos, Emicida vai surpreender ao apresentar o espetáculo inédito criado para o festival "AmarElo encontra A Love Supreme", onde o artista, cria da periferia paulistana, recria seu show AmarElo inspirado por "A Love Supreme", um das obras-primas de John Coltrane.

Considerado um dos maiores nomes do jazz mundial, o autodidata Hermeto Paschoal aterrissa no Rio Montreaux com seu Grupo, a tradicional "Nave Mãe", que ajudou a impulsionar a carreira de grandes instrumentistas da música brasileira. Atualmente, o grupo é formado por Itiberê Zwarg (baixo), Jota P. (saxes e flautas), Fabio Paschoal (percussão), André Marques (piano) e Ajurinã Zwarg (ba-



Hermeto Paschoal e banda tocam nesta sexta

teria) que, ao lado do "Campeão", tornam suas apresentações uma verdadeira experiência sensorial indescritível, inesquecível e sem contraindicações.

O show de Elba Ramalho, Chico César e SpokFrevo é um encontro exclusivo. Os dois parabans subirão ao palco juntos para um show inédito e com a orquestra formada por 17 músicos diretamente de Pernambuco e conduzida por Inaldo Spok Cavalcante, mais conhecido como Maestro Spok. A SpokFrevo Orquestra tem forte presença no circuito europeu, da Ásia e da África.

Uma das principais referências na bateria do jazz, Billy Cobham tem história: participou do conjunto de Jazz Fusion de Miles Davis, onde pode ser ouvido em clássicos como 'Like-Evil' e 'A Tribute to Jack Johnson'. Billy também integrou o grupo Mahavishnu Orchestra. Em 2001, foi

nomeado um dos 25 bateristas mais influentes pela revista Modern Drummer.

### SERVIÇO

RIO MONTREAUX FESTIVAL Morro da Urca (acesso pelo bondinho do Pão de Açúcar) 13/10 - Palco Villa-Lobos: 22h30 - Hermeto Paschoal & Grupo A Nave Mãe / 0h - Elba Ramalho, Chico César e SpokFrevo Orquestra. Palco Village: 21h50 - Anders Helmersen Trio (Suécia) / 23h30 - Dani Spielmann Choro Trio 14/10 - Palco Villa-Lobos: 22h30 - Billy Cobham Band / 0h - Emicida (AmarElo encontra A Love Supreme). Palco Village: 21h50 - Veronese / 23h30 - Anatole Muster (Suíça) Ingressos: R\$ 700 e R\$ 350 (meia)

# Hamilton de Holanda também quer djavanear

Bandolinista leva ao Circo Voador show com repertório baseado nos temas de álbum dedicado a Djavan

Por Affonso Nunes

**R**econhecido como compositor de primeira grandeza aqui e no exterior, Djavan tem sua obra reverenciada por um dos maiores instrumentistas da atualidade. O bandolinista Ha-

milton de Holanda, recordista em gravações, chega a seu 45º celebrando o cantor e compositor alagoano.

O álbum, disponível nas plataformas digitais desde meados de setembro, terá neste sábado (14), às 23h, seu primeiro show e o local escolhido foi o Circo Voador, pal-



Hamilton e Djavan no intervalo das gravações de 'Samurai', que teve a participação do homenageado

co onde o músico costuma empolgar o público com seu tradicional Baile do Almeidinha.

Em "Samurai", o conceituado bandolinista apresenta 12 com-

posições de Djavan. Há espaço para reverência ao grande autor, mas Hamilton não abre mão desta que é certamente um de suas maiores virtudes: o ser inventivo.

E este trunfo fala alto através da diversidade rítmica que se percebe nos arranjos para as canções, que passam pelo jazz, pelo samba, pelo ijexá, pela salsa e por acentos funkeados. Resumindo, uma delícia de se ouvir.

O álbum ainda tem participações de artistas como Zeca Pagodinho ("Flor de Lis"), Gloria Groove e Lakecia Benjamin ("Samurai"), Gonzalo Rubalcaba (Irmã de Neon), Jorge Drexler ("Lilás"), e Varijashree Venugopal ("Oceano"), além do homenageado ("Luz" e "Lambada de Serpente").

Através de suas releituras para clássicos djavânicos como "Faltando um Pedaco", "Capim" e "Sina", Hamilton destaca ainda mais as riquíssimas construções harmônicas de Djavan.

## SERVIÇO

HAMILTON DE HOLANDA E A MÚSICA DE DJAVAN

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 14/10, às 23h  
Ingressos entre R\$ 70 e R\$ 160

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ana Lúcia de Almeida/Divulgação



### Música no Museu

Maior série fixa de música clássica do Brasil, o Música no Museu vai de clássicos brasileiros a internacionais, em vozes e pianos, neste feriadão e na próxima semana, no Museu da República, no Museu da Justiça e no CCBB, sempre com entrada franca. No domingo (15), o coral Rio em Canto apresenta clássicos brasileiros, incluindo repertório popular, como samba, Bossa Nova e MPB em geral, às 13h, no Museu da República.

Divulgação



### Goldherança

Nesta sexta-feira (13), às 19h30, os irmãos Correa promovem no palco do Teatro Rival mais um encontro da família de cantores que marcaram gerações. Golden Boys, a cantora Evinha e o Trio Esperança apresentam canções de sucesso que marcaram a carreira de cada um dos artistas no projeto Goldherança. No repertório, "O Passo do Elefantinho", "A Festa do Bolinha", "Cantiga por Luciana", "Teletema" e "Alguém na Multidão".

Esteban Ibarra/Divulgação



### Coral na Barra

Próximo ao Dia da Música Popular Brasileira (17 de outubro), a Associação de Canto Coral se apresenta sábado (14), às 18h, na Cidade das Artes, com a Missa Brasileira, de Jean Kleeb e a Poesia Cantada com o Coro Prelúdio e de Câmara. E no domingo (15), às 17h, o público será contemplado com o Concerto do Requiem de Mozart. As duas exibições serão regidas pelo maestro Miguel Torres.

Divulgação



### Noites de Catto

Filipe Catto, cantora transgênero não binária, instrumentista, compositora, poeta e designer, volta ao Manouche em duas noites, sexta e sábado (13 e 14) com o show intimista de voz e violão "Catto Solo", mostrando sucessos da carreira e suas leituras de músicas da obra de Gal Costa, fruto de shows em homenagem à baiana que desaguou no álbum recém-lançado "Belezas São Coisas Acessas por Dentro" (selo Joia Moderna).

# A viola que toca nossos corações

André Souza Lima/Divulgação

Orquestra de Violas Caipirando celebra repertório afetivo em show gratuito em Santa Cruz

Neste sábado (14) Santa Cruz recebe gratuitamente o show “Caipirando no Sertão Carioca”, na Sede da Comunidade Eclesiástica de Base Santa Veridiana. Sob a regência do violeiro Henrique Bonna, a A Orquestra de Violas Caipirando traz no repertório clássicos do cancioneiro popular como “Trenzinho Caipira” (Villa-Lobos), “Cáliz Bento” (domínio público), “Meu São Gonçalinho (Luis Sagado / Katia Teixeira), “Pinha no Pinheiro”, “Moreninha Linda” e “Mineirinha”, entre outras. Além disso, Bonna mostrará também algumas canções autorais, mostrando que o gênero segue forte sem se prender apenas ao passado.

No espetáculo, as músicas apresentadas serão costuradas por textos, em prosa e em verso, recitados

em performances teatrais, abordando histórias de lugares, crenças e costumes da Zona Oeste. A história da Capela de São Gonçalo no Camorim, as tradicionais folias de reis que aconteciam na região e as lendas acerca da construção da Igreja da Penna fazem parte dos temas que serão abordados. As intervenções cênicas serão performadas pelo museólogo, poeta e brincante Sergio Restauero.

Bonna conta que sempre se impressiona com a reação do público nos shows. “As pessoas sentem falta deste tipo de música. Se emocionam muito lembrando do pai, do avô, de um tio distante, oriundos do interior que ouviam ou tocavam viola caipira, e que vieram para o Rio com a família, como meus pais”, comenta.

A apresentação será filmada e o material dará origem a um mini do-



A Orquestra Caipirando tem fortes laços com a região

cumentário musical de 30 minutos, dirigido por Carolina Maduro.

A Orquestra de Violas Caipirando tem 30 integrantes, em sua grande maioria moradores da Zona Oeste. Há 13 anos vem celebrando a cultura e a música caipira,

apresentando clássicos deste cancioneiro e composições autorais. Em terras cariocas, abordando um estilo não muito presente em centros urbanos, o grupo gera surpresa por onde passa, e conquista a admiração do público. Seus laços com a

Zona Oeste carioca são estreitos.

A cultura caipira tem suas raízes e ainda se faz presente nos ambientes rurais de todo o país. E falando-se em Zona Oeste, há tempos a região era considerada zona rural, ganhando a alcunha de Sertão Carioca, e apesar dos surtos de urbanização ocorridos, ainda guarda um estilo de vida bastante particular.

“É fácil perceber como tudo se conecta: a orquestra, a música caipira, a viola e a Zona Oeste”, explica Henrique Bonna, cuja relação de Bonna com a viola e com música caipira vem de berço. O músico aprendeu o ofício com seu pai Olívio Bonna, nascido no interior do Espírito Santo, que se radicou em Jacarepaguá na década de 1970.

## SERVIÇO

CAIPIRANDO NO SERTÃO CARIOCA

Comunidade Eclesiástica de Base Santa Veridiana (Via A4, s/nº, Conjunto Santa Veridiana, Santa Cruz)

14/10, às 18h

Entrada franca

## CRÍTICA / DISCO / BIA GÓES E RICARDO VALVERDE - VOZ + VIBRAFONE

Por Aquiles Rique Reis\*

Depois de comentar o álbum de um duo de violino (Ana de Oliveira) e viola de doze cordas (Sérgio Raz), convido-os a saber de outro duo, o de voz (Bia Góes) e vibrafone (Ricardo Valverde), que lança CD independente para celebrar 15 anos de parceria.

A tampa abre com “Guerreiro Coração” (Gonzaguinha), em que graças ao arranjo de Jotinha Moraes e à bela intro, destaca-se um quarteto de cordas: Eder Esli Grangeiro, violino; Tiago Vieira Rocha, viola; Adriana Holtz, violoncelo e Thais Morais, violino. E ouve-se o som angélico do vibrafone de Ricardo Valverde. Como quem ora à vida, Bia Góes canta a letra que revela o que é preciso saber sobre dores e delícias do mundo.

“Doce de Coco” (Jacob do Bandolim e Hermínio Bello de Carvalho) traz apenas a voz de Bia, o vibrafone e o arranjo de Ricardo. A janela do sentimento se abre para o vibrafone – eita som lindo! Bia canta suave e sua voz se mistura ao toque das baquetas: ambas, delicadas e belas.

“Meu Primeiro Amor” (Cascatinha e Inhana), novamente com arranjo de Jotinha, tem de volta o quarteto de cordas. Com os violinos em pizzicato, a canção inesquecível traz à memória momentos de saudade. Bia e Ricardo se esmeram em seus ofícios – tudo é música, tudo é paixão. O final é primoroso.

“Tristeza e Solidão” ([https://](https://youtu.be/HLRmODynB_8?si=j0gjfQPTBrSIHGw)

# Um trabalho sublime

Divulgação



[youtu.be/HLRmODynB\\_8?si=j0gjfQPTBrSIHGw](https://youtu.be/HLRmODynB_8?si=j0gjfQPTBrSIHGw)), um dos mais belos afro-sambas de Baden e Vinícius, em novo arranjo de Ricardo, se ouve pela voz e pelo vibrafone – dupla em pleno delírio musical. Arritmo, o vibrafone soa como gotas de cristal, vagando entre nuvens e embalando a voz límpida da

Bia. Mais celestial, impossível.

“Kalu” (Humberto Teixeira) cresce com voz, vibrafone e o contrabaixo acústico de Marcos Piva. A intro do vibrafone é o sinal verde para que Bia inicie o mais doce recado que Teixeira poderia imaginar para o seu clássico. O baixo participa com discrição infanda. Levado arritmo, o arranjo é de RV.

Para o arranjo de “Vela no Breu” (Sérgio Natureza), RV juntou seu vibrafone à voz de Bia e ao violão de sete cordas do Swami Jr., este em participação especial, posto que é o diretor musical do álbum. A voz brota à capella. O vibrafone se achega a ela para, de mãos dadas, se atirarem numa le-

vada arisca. O sete vem com tudo, trazendo ritmo à leveza.

“Inquietação” (Ary Barroso) tem arranjo de Swami Júnior, em nova participação especial, tocando violão de seis cordas e juntando-se a vibrafone, baixo acústico e à voz. O clássico brilha pelas mãos dos instrumentos e da voz de Bia. Inapelável, uma modulação chama nossa atenção para que o final logo virá... e vem.

“Onde Deus Possa Me Ouvir” ([https://youtu.be/HLRmODynB\\_8?si=j0gjfQPTBrSIHGw](https://youtu.be/HLRmODynB_8?si=j0gjfQPTBrSIHGw)), bela canção de Vander Lee, tem violão de seis cordas e arranjo de Swami Júnior. Bia Góes e Ricardo Valverde mergulham íntegros nos versos e na melodia que fecharão a tampa de um CD hierático. Meu Deus!

\*Vocalista do MPB4 e escritor

## ENTREVISTA / CARLOS CARDOSO, POETA

# 'Em cada livro há uma nova voz'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**"N**em o ouro ou a memória/ de todas as estátuas esculpidas pelo mundo/trariam a felicidade nessa vida de desejos" é arqueologia lírica da obra de Carlos Cardoso, encarado como uma das maiores potências da poesia nacional hoje, sobretudo depois da consagração do livro "Melancolia", de 2019, com o Prêmio APCA. Ele regressa às livrarias esta semana com "Coragem". O lançamento será na próxima terça-feira (17), às 18h, na Livraria da Travessa de Ipanema (Rua Visconde de Pirajá,

572), com sessão de autógrafos do autor e uma mesa com dois imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL) Antônio Carlos Secchin e Geraldo Carneiro.

Na entrevista a seguir, Cardoso compartilha seu olhar sobre o coeficiente afetivo da poesia.

**De que maneira o amor ainda se mantém - e se renova - como objeto de uma poesia capaz de falar para tempos tão bélicos, e tão despojados de consenso? Poesia é consenso ou dissonância no Presente?**

**Carlos Cardoso:** Penso que a poesia traz o sublime diante do caos. O consenso e a dissonância percorrem a mesma estrada na poesia. O



Divulgação

**Carlos Cardoso lança 'Coragem', seu mais novo livro na terça-feira (17)**

amor, enquanto acontecimento do sublime, deve se manter e se renovar apesar da dissonância e, talvez, junto à dissonância de nosso tempo. A poesia se mantém como um ato de amor, um grito de esperança.

**Seu livro anterior, "Melancolia", era um processo ontológico, de uma indelével e umbilical conexão com a angústia de ser e de estar, numa linha investigativa com forte verve**

filosófico. Já "Coragem" parece seguir uma linha mais telúrica e mesmo sanguínea sobre a alma e os vazios. O que essa mudança, se é que é consciente, revela sobre seu processo de escrita e sobre sua reflexão sobre a vida?

Cada obra revelou singularidades de períodos distintos de minha vida. Acredito que a escrita acompanha a experiência subjetiva do mundo a partir de quem somos naquele momento. Isto mostra que os livros são únicos. Em cada livro há uma nova voz.

**O que mar e pedra - os signos naturais que tanto cicatrizam seus poemas - trazem como símbolo da sua relação tátil com a poesia?**

Os elementos da natureza - o mar e a pedra - trazem símbolos da interioridade do poema. As imagens nos poemas buscam modos de lidar com o humano; tentativas de fusão do humano com o cenário da natureza, para então encontrar a linguagem do mar, a linguagem das pedras.

## CRÍTICA / LIVROS

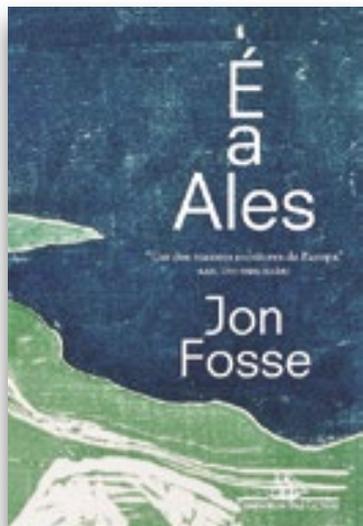
## Os queridinhos do momento

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Escritores conhecidos e sempre citados nem sempre são muito lidos. O russo Liev Tolstói voltou no noticiário recente depois da indicação do violinista Lucas Lima, que comentou em postagem nas redes sociais a novela "A morte de Ivan Ilitch (Editora 34, R\$ 40). Foi o bastante para a história de um homem que reflete sobre a existência no fim da vida tornar-se o pivô do fim do casamento de Lima com a cantora Sandy.

Apesar de ocupar algo em torno de 50 páginas, a leitura é densa. Lançada em 1886, quando Tolstói estava com 58 anos e questionava o sistema social russo, a novela traz as observações do juiz de instrução Ivan Ilitch, casado com uma mulher frívola, pai de um casal de filhos fúteis como a mãe, todos inseridos numa socieda-



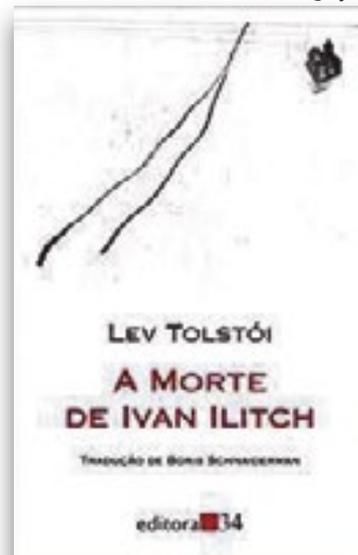
de de aparências. Diante da morte iminente, ele questiona a vida que levou — o que acontecia também com o escritor, que vivia seu próprio inferno conjugal depois de defender

ideias de uma sociedade mais igualitária, quase anarquistas.

Às vésperas de tornar-se best-seller entre o público brasileiro, o pouco conhecido por essas bandas Jon Fosse é o quarto norueguês a ganhar um Nobel de Literatura. Tem uma extensa obra teatral, romances e até livros infantis, traduzidos para mais de 40 idiomas. Segundo o Comitê Nobel, que acaba de lhe conceder o prêmio, a escolha deve-se à combinação de "fortes laços locais, tanto linguísticos como geográficos, com técnicas artísticas modernistas", "calor e humor" e uma "vulnerabilidade ingênua às suas imagens nítidas de experiência humana".

Diferentemente de Tolstói, de redação claro e convencional, Fosse não obedece a uma pontuação ou

Fotos Divulgação



divisão em parágrafos (menos ainda em capítulos) tradicionais. Para azar dos tradutores, ele escreve em nynorsk (neonorueguês), a variante

linguística criada no século XIX, falada por apenas 10% dos noruegueses, mas um dos idiomas oficiais do país. Para Fosse, o Nobel foi um reconhecimento do nynorsk, que surgiu como alternativa ao uso dominante do dinamarquês. Jon Fosse costuma dizer que escrever "é ouvir; é um ato mais musical do que intelectual", criou um estilo conhecido como o 'minimalismo Fosse', com frases e seqüências longas, ausência de pontos finais e quebra de regras no uso da vírgula.

No Brasil, há apenas dois livros seus lançados, Melancolia (Tordesilhas, esgotado), romance sobre um personagem real, o pintor Lars Hertervig, e É a Ales (Companhia das Letras, R\$ 64,90), que conta a história de uma mulher cujo marido saiu de barco por vinte anos sem nunca voltar para casa. Novas obras de Fosse devem sair no país no próximo ano.

# Fita, o Rock in Rio do teatro

Angra dos Reis está em festa com mais uma edição do Fita, que leva 32 espetáculos à Costa Verde

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

O mais importante evento dedicado ao teatro brasileiro está de volta e de forma presencial. É o Festival Internacional de Teatro de Angra dos Reis (Fita), que chega à sua 15ª edição desta sexta-feira (13) até o dia 29 de outubro na cidade da Costa Verde fluminense com 32 produções selecionadas, entre espetáculos teatrais, infantis e solos humorísticos.

A edição deste ano terá quatro categorias: Mostra de Sucessos, que ocupará a tenda, com capacidade para 700 espectadores; Sessão Cult, com espetáculos intimistas ou experimentais, apresentados no Teatro Dr. Câmara Torres, com capacidade para 200 espectadores; a Sessão Comédia, com apresentações de humor na tenda, após as apresentações principais, e, por fim, a já tradicional Fitinha, com produções infantis distribuídas entre os dois espaços do evento.

O espetáculo “A falecida”, de Nelson Rodrigues (1912-1980) estrelado por Camila Morgado, abre nesta sexta a programação do evento. Dirigida por Sérgio Módena, a nova montagem celebra os 70 anos da estreia nacional do texto e marca

a volta da atriz aos palcos após um hiato de 11 anos.

Três produções farão suas estreias no festival. “Papa Highirte”, de Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) pelo Grupo Tapa, com Zé Carlos Machado à frente do elenco; “Escola de Mulheres”, com direção de Clara Carvalho, além de “A Falecida”.

Idealizador e realizador do Fita, João Carlos Rabello fala sobre sua relação com a Fita. “Quando me perguntam como defino o Fita, digo que é o Rock in Rio do teatro. E, da mesma forma que o Rock in Rio não é somente sobre rock, indo do samba ao jazz, a gente abre um leque às diferentes categorias que existem no teatro, indo de experimentações e de trabalhos de pesquisa aos grandes sucessos do teatro, incluídos aí os stand-ups”, destaca.

Outro aspecto importante está no fato de muitas produções teatrais escolherem o Fita para fazer suas estreias, o que acaba por dar uma repercussão grande a esses espetáculos. “A classe artística entende que o Fita é um projeto deles também. O festival consolidou uma relação recíproca de amor entre o município de Angra dos Reis e as pessoas que produzem cultura. Se você gosta de teatro, faça as ma-



Julius Caesar Vidas Paralelas

Divulgação



Judy: O Arco Íris é Aqui

Divulgação



Charles Aznavour, Um Romance Inventado

las e venha para Angra”, convida o produtor.

Gustavo Gasparani, diretor de “Julius Caesar – Vidas paralelas”, adaptação da Cia dos Atores para

o clássico shakesperiano, comenta sobre a importância de um evento deste porte ser realizado numa cidade fora do eixo Rio-São Paulo. “Dentre vários fatores que poderia

elencar sobre a importância da existência do Fita, destaco o fato de ver o teatro movimentar uma cidade que não seja uma grande capital como Rio ou São Paulo”, afirma. “Quanto mais o teatro se espalhar pelas cidades do país, melhor para o teatro e para o país. Assim, o nosso povo perceberá a importância do teatro para a nossa sociedade”, argumenta Gasparani.

Atriz e produtora associada de “Charles Aznavour, Um romance Inventado”, Sylvia Bandeira celebra sua participação no Fita deste ano. “O Fita é teatro. Existe há anos e cada vez com mais visibilidade e sucesso. Estive com o musical ‘Rádio Nacional’ em 2006 e volto agora. É a cultura aliada a um lugar paradisíaco, uma combinação mágica. O público ama e nós artistas também”, anima-se.

Autor, diretor e produtor de “Judy: o Arco Íris É Aqui”, Flavio Marinho classifica o evento como “um dos festivais de teatro mais simpáticos do país”. “Não só porque é situado na aprazível Angra dos Reis, como porque, ao contrário da maioria dos festivais, é um evento plural: abriga do teatrão ao experimental, fornecendo uma bela panorâmica da atividade”, pontua. “E, para completar, somos sempre recebidos com muito carinho pela organização. Sou um fã da Fita. Até porque costumo sair de lá com a faixa de “campeão de bilheteria”, seja com um monólogo dramático ou uma comédia musical”, elogia.

## CRÍTICA / TEATRO / PULMÕES

# O ar que eu respiro

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**D**uncan Macmillan, o premiado diretor e dramaturgo inglês, tem como objetivo examinar assuntos que nos preocupam cotidianamente como parentalidade, depressão, mudanças climáticas de uma forma capaz de dizer algo ainda não dito. Estreando no Brasil, sua peça “Pulmões” traz, em uma narrativa aristotélica (começo, meio e fim) a história de vida de um casal, que se inicia com a discussão sobre ter ou não ter filhos.

Nada tão contemporâneo.

A primeira coisa que logo nos aparece é que o caso não é nomeado nem com apelidos íntimos. E sem nome pode ser qualquer um, inclusive nós. São parceiros ora românticos, ora companheiros, ora odientos, com atos de enorme paixão, brigas homéricas ou apenas aquele rame-rame de longa data.

O projeto foi idealizado pelos atores Giulia Grandis e Thiago Mello, casados desde 2019 e juntos há 11 anos, que tem uma interpretação sólida que dá veracidade ao que se vê.

Os diálogos são excelentes,



João Julio Mello/Divulgação

**Giulia e Thiago: interpretação sólida e verossímil**

pois transformam em dramaturgia palavras sem qualquer poesia, inteligência, sofisticação... exatamente como se fala numa relação cotidiana. Nada de discursos,

apenas manifestações abertas, espontâneas, divertidas, tristes, cruéis, amorosas. O autor escolhe, e acerta, por trilhar o caminho mais difícil: levar ao pal-

co a fala sem graça do dia-a-dia.

A ótima diretora Miwa Yaginagizawa atua como um regente que sabe imprimir o ritmo certo: intenso, rápido, lento, tonitruante, suave, o que ressalta a atuação de Giulia e Thiago, lhes colocando em todos os lugares do palco, com uma mobilidade rara. Além disso, o cenário de Teresa Abreu traz projeções de slides com imagens de festividades de famílias e plaquinhas, de diferentes tamanhos com o nome do local da ação. A trilha sonora original nos assegura que assistir “Pulmões” é respirar do modo certo.

## SERVIÇO

PULMÕES

Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824)

Até 29/10, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Ilíada imperdível

Em impressionante atuação, Daniel Dantas e Leticia Sabatella encenam “Iliada”, no Teatro Prio (Jockey), neste fim de semana. A dupla de atores encarna diversos papéis ao encenar o Canto 1 - com o estabelecimento do conflito interno entre os gregos e suas motivações - e o Canto 20, com o retorno triunfal do herói Aquiles ao campo de batalha. A direção da aclamada tradução da obra por Manoel Odorico Mendes é de Octavio Camargo, que também assina a música original do espetáculo. Caio Buckner é o produtor.

Divulgação



Victor Hugo Cecatto/Divulgação

### Imaginação solta

Tantã e Lelé, num espaço atemporal, partilham experiências, brincadeiras e momentos de humor e lirismo em “Gagá”. A chegada do enigmático personagem que dá título ao espetáculo instiga reflexões sobre o papel de cada indivíduo na Terra. A peça envolve o público num universo de palavras intrigantes, onde a imaginação é o guia para desfrutar dessa dupla que transita entre juventude e velhice. Teatro dos Quatro (Shopping da Gávea). Sex e sáb às 16h. Ingresso: R\$ 30 (meia). Até 3/12. A direção da montagem tem a assinatura de Kika Freire.



Divulgação

### Nada será como antes

“Presentes” está no Teatro Vanucci, aos sábados, até o dia 28. Dois atores em cena e o público. Desse encontro, nasce um novo espetáculo a cada noite. Com os atores improvisadores, Rafael Saraiva e Samuel Valladares, que constroem toda a narrativa e diversos personagens. O espetáculo também conta com a trilha improvisada de Noé Ribeiro diretamente do palco, e da cabine, a improvisação na luz de Peder Salles, criação de um roteiro contínuo, espontâneo e único a partir de respostas da plateia. Produção de Joana Motta e direção de Tuila Jost e Theo Jost.

# Imagens de um Rio onírico

Exposição em cartaz no Sesc Ramos propõe um diálogo entre terra, mar, ar e pessoas

**A** exposição fotográfica “Há. Ma - Terra, Mar e Ar” está em cartaz no Sesc Ramos. Com 35 fotos impressas em tecidos pendentes, a mostra é uma imersão de corpo e alma no universo onírico criado pelos fotógrafos Kitty Paranaguá e Paulo Marcos de Mendonça Lima.

“São imagens dos confrontos entre os ritmos dos elementos quando se invadem, ou de como sua imensidão intensifica-se em detalhes: o ponto em que uma onda irrompe numa fúria brusca; o abcesso vermelho derramando-se pelo tronco sob a sombra; as poses enigmáticas das pedras que há milhões de anos foram empilhadas e jogadas à beira mar, indiferentes aos esforços dos ventos, cachoeiras e ondas em abrir-lhes fendas, derrubá-las, alisá-las”, testemunha o curador Agnaldo Farias, um dos nomes mais pulsantes das artes visuais do país.

Cariocas ligados umbilicalmente à cidade, Kitty e Paulo Marcos sempre fixaram as lentes no baile do oceano com a floresta, do corpo com o sal, da água que continua o céu e desse diálogo infinito que se materializa a olhos nus. Há um terceiro elemento da natureza nessa conversa poético-fotográfica do verde que circunda com o azul que banha a cidade: o espectador.

“Sobre o Rio paisagem linda muitos já falaram. Quisemos falar sobre o privilégio de uma cidade cercada por verdes e azuis em um momento em que o meio ambiente está com o foco total”, pontua Kitty. Há fotos suas nas prestigiadas coleções de Joaquim Paiva e da Maison Européenne de Photographie (MEP). Kitty representou o FotoRio no Photo Beijing, em 2017, com a série “Campos de Altitude”.

Agnaldo Farias avança na investi-



Kitty Paranaguá

Paulo Marcos de Mendonça Lima



gação: “E os corpos diante disso? Espiam encarapitados no alto dos rochedos ou se deitam sobre eles, aprendendo de seus silêncios; flutuam e ficam em pé, navegam sobre pranchas na superfície da água. E há aqueles que aguardam, paciência apurada pelo tempo que lhes vai vincando a pele, ao lado da vara de pescar, antena que vez ou outra traz alguma notícia da vida submarina”.

Kitty e Paulo Marcos são sócios do Ate-



Kitty Paranaguá

Paulo Marcos de Mendonça Lima



Paulo Marcos de Mendonça Lima

*Imagens da exposição ‘Há. Ma - Terra, mar e ar’, que reúne no Sesc Ramos fotografias de Kitty Paranaguá e de Paulo Marcos de Mendonça Lima, do Ateliê Oriente*

Kitty Paranaguá



liê Oriente, realizador da mostra juntamente com o Sesc Ramos. Com mais de 40 anos de carreira, os dois quiseram fazer algo que fosse mais do que uma exposição de fotos.

“A gente quis criar uma imersão mediada por este material que pode ser tão sensorial que é um tecido. Como temos uma relação desde crianças com estes dois elementos tão presentes na paisagem, o mar e a floresta, esta exposição-instalação quer trazer um pouco desta nossa simbiose

com eles para dentro da galeria”, explica Paulo Marcos, que atuou como editor de fotografia dos jornais O Globo, Lance! e O Dia, lançou sete livros e, desde 2017, é um dos nomes fortes do FotoRio.

## SERVIÇO

### HÁ. MA - TERRA, MAR E AR

Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38) Até 14/1, de terça a domingo (10h às 17h) | Entrada franca

# Garçom, aqui nesta mesa de bar...

**D**izem que quando o garçom te conhece pelo nome algo está fora da ordem: ou o pendurá já está descontrolado ou o bar é bom demais da conta sô, em homenagem a capital do buteco brasileira: Belo Horizonte que, quando em vez, o belo fica muito mais distante no horizonte: depende das calibrinas ingeridas e acompanhadas do torresminho de fé.

Seu garçom faça o favor de me contar depressa outra história, pode ser de amor, já que o bar Fecha Nunca estava fechado. Desce aquela loura vestida de noiva e põe a linguíça do tira-gosto. Só tem uma coisa, garçom amigo, se eu dormir não me deixe aqui no chão porque a Dama de Vermelho está a minha espera, olha ali pelo espelho.

Histórias ouvi, histórias contei e, como o bordão do fofoqueiro, “eu aumento, mas não invento...”. Tem a história do Bill do Bola Bar, um clássico mineiro da estufa no Padre Eustáquio, que quase veio para Rio para morar e trabalhar, apaixonado pela Lapa, só não o fez porque o contratante ‘era muquirana e mão fechada’ e não quis chegar junto com o salário. Perdeu o Rio, ganhou Belzonte!

Tem a história do garçom cujo nome é de ídolo dos anos 1970: Johnny, mas que na verdade não é uma homenagem ao cantor estadunidense de folk, feita pelos pais. A história tem requintes de programa de TV dominical. O nome foi dado em homenagem a um primo médico, morador em uma cidade vizinha, distante 50 quilômetros. Tudo normal se não fosse o detalhe de não se conhecerem até hoje, passados mais de 40 anos.

Tem a história da dupla Ximenes e ‘Cequinho’, que usava um fundo de garrafa digno dos cascos das Brahmás antigas, cujas garrafas eram esverdeadas — sim queridos leitores, nos anos 1970 o capacitismo era, infelizmente, moda para apelidar pessoas; nós não sabíamos o que fazíamos. Os dois eram inseparáveis, algo parecido com o Batman e o Robin. Trabalhavam na boite do Castelinho ali na orla de Ipanema. Aquele trecho da praia recebeu o nome de Castelinho em menção ao famoso bar.

Moravam perto, batizaram filhos um do outro, casaram-se com irmãs, sendo, portan-

to, cunhados. O mais incrível é que o ‘Cequinho’ tinha visão subnormal, via apenas vultos, os óculos eram, praticamente, mero adereço. Mesmo assim era um profissional de mão cheíssima, não errava um pedido, fazia contas de cabeça e, jamais, esquecia os 10%.

Histórias não faltam e não faltarão. Então, pede uma ‘bunda de foca’, uma ‘mofada’, uma ‘estupida’ onde sempre o primeiro gole tem donos: Seu Zé e a Dona Maria Navalha.

Chama o garçom de fé que, nos tempos atuais, tem só um nome ou só o sobrenome.

Eles, invariavelmente, não têm mais apelido a não ser o Lima, que nos áureos idos dos anos 1980 comandava as bandejas do Aurora raiz e na verdade se chama Hermínio, o Lacerda do Bar Lagoa, o Sassa do Braseiro da Gávea... e senta que lá vem história.



# Para maratonar com a garotada

Confira um roteiro de programações infantis e guloseimas, para o final de semana das crianças



Tortamania

O Dia das Crianças foi comemorado nesta quinta-feira (12), mas não faltam programações especiais durante todo o fim de semana, para aproveitar com os pequenos. São opções de doces, pratos infantis, área kids e até recreação em quiosque. Confira abaixo as dicas que o Correio da Manhã selecionou para deixar a semana da garotada ainda mais divertida e saborosa.

**ARTESANOS BAKERY** – Na padaria artesanal, duas sobremesas foram criadas especialmente para os pequenos. O cupcake (R\$ 20), um bolinho de baunilha com recheio de Nutella e finalizado com chantilly, pirulito de suspiro e guloseimas. Avenida Genaro de Carvalho, 1435 – Recreio. Telefone/WhatsApp: (21) 96691-0169.

**FERRO E FARINHA** - Pizza e crianças têm tudo a ver! A casa, comandada pelo chef nova-iorquino Sei Shiroma, é um oásis para quem gosta de pizzas, e na unidade da Barra as crianças, além de comer, também podem se divertir. Os pequenos tem a oportunidade de preparar a sua própria pizza, desde a massa (amassando e brincando), até rechear como gostam, aproveitando muito a experiência. A boa notícia é que essa ação com as crianças está disponível o ano todo. Rua Olegário Maciel, nº 555 – Barra da Tijuca. Tel:



Grupo Tragga



Temakeria & Cia

(21) 98022-2790.

**COISA CARIOCA** – O quiosque se uniu ao Instituto Fechando o Ciclo e ao Projeto ReciclaOrla, da Orla Rio@reciclaorla para criar uma manhã de atividades divertidas



Nolita



Ferro e Farinha



Mora Burger

que ao mesmo tempo conscientizam as crianças e seus responsáveis. Café da manhã, meditação, yoga, oficina de reciclagem, contação de histórias e atração musical com canções infantis fazem parte dessa ação promovida pelo projeto Frutos do Amanhã, iniciativa

Divulgação

que visa oferecer recreação consciente para promover o bem-estar dos pequenos. Avenida Atlântica - Posto 4 - Copacabana (em frente ao Hotel Pestana e à Rua Constante Ramos).

**GRUPO TRAGGA** - O Grupo apresenta uma nova experiência no Vogue Square, na Barra: o Tragga Kids. Com 150m<sup>2</sup>, o espaço é seguro e divertido para que as crianças possam brincar enquanto os pais desfrutam de momentos de lazer em um dos restaurantes do grupo: Loire Bistrô, Tragga Del Mar e Tragga Grelhados Premium. E para festejar o Dia das Crianças, o Tragga Kids preparou uma programação repleta de atividades para fazer a semana ainda mais especial. Do dia 12 ao dia 15, haverá oficinas de pinturas e jardinagem e visitas de personagens das 12h às 17h. Vogue Square - Av. das Américas, 8585 - Barra da Tijuca.

**MORA BURGER** – A hamburgueria criou para o Dia das Crianças um sanduíche de Nutella. O Wonder (R\$ 31,90) é feito com pão australiano, cookies de chocolate, morangos frescos e Nutella. Rua São Francisco Xavier, 175, Tijuca. Tel: (21) 97955-0079.

**NOLITA** - O chef Felipe Appia, se inspirou na história de Willy Wonka para fazer a sobremesa especial para o Dia das Crianças: o Wonka Nolishake (R\$68). Ele é um super milk-shake de chocolate com bolo de brigadeiro no topo, confeitos no copo, Pirulito e até um golden ticket. Av; das Américas, 3900 - VillageMall - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2678.

**TEMAKERIA & CIA** - Para a criança que já ama um bom japa, o restaurante criou um menu especial levinho, pensado para os pequenos apreciadores. São mais de cinco opções com destaque para: o Filé Mignon com Gohan e Batata Smile (R\$ 33,90), Filé de Frango Grelhado com Macarrão ao Sugo e Legumes (R\$ 27,90) e Filé de Peixe Branco com Gohan e Legumes (R\$ 29,90). Rua Joana Angélica, 183 – Ipanema. Tel: (21) 3437-4976.

**TORTAMANIA** - Para o mês das crianças, a casa criou uma torta que promete deixar os pequenos com água na boca. Inspirada no universo infantil e com uma temática divertida. A Chocoparque (P R\$ 85 e M R\$ 139), é um bolo de chocolate recheado com doce de chocolate, decorado com diversas guloseimas. As tortas estarão disponíveis nos tamanhos. Rua Vinicius de Moraes, 121/D - Ipanema. Tel: (21) 3273-0333.

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação